

FACILIDADES DA WEB 2.0 E DA PLATAFORMA MOODLE: O DIA A DIA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Ana Cristina de Araujo Noguerol

anacnoguerol@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/1864462075702789>

Manoel Rui Gomes Maravalhas

manoel.maravalhas@cefet-rj.br

<http://lattes.cnpq.br/3347522617156738>

RESUMO

A sociedade da tecnologia na qual estamos inseridos impõe novos desafios ao cotidiano escolar. Alunos e professores, cada vez mais, se conectam à rede mundial de computadores por diferentes motivos: artigo, estudo, entretenimento, busca de informações. O presente artigo, fruto de uma pesquisa bibliográfica, explora o potencial educativo de recursos e ferramentas existentes na Web e na Moodle. Na Educação a Distância (EaD) ou no Ensino Presencial esses recursos ou ferramentas podem se transformar em instrumentos valiosos que auxiliam o professor ou tutor na criação de diferentes possibilidades para a construção colaborativa de conhecimentos. Aponta também algumas limitações nos dois ambientes virtuais, indicando que a mediação do professor ou tutor é imprescindível para garantir qualidade ao processo educativo. As instituições escolares em nosso país precisam repensar suas práticas e utilizar pedagogicamente as tecnologias disponíveis em nosso tempo, embora muitas já façam uso cotidianamente. Mas, ousados recursos tecnológicos só viabiliza inovação educacional quando ancorado em projetos pedagógicos consistentes e de natureza transformadora.

Palavras-chave: Tecnologia, Web, Moodle

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade cada vez mais tecnológica que se transforma de modo rápido e constante e essas características vem exigindo das escolas maior inserção digital. Quem participa do cotidiano escolar observa alunos conectados à web durante as aulas, mesmo quando o seu uso não é permitido. Assim, torna-se prioritário que as práticas no cotidiano das escolas, se aliem ao universo digital e que os docentes aprendam a usar as ferramentas tecnológicas adequadas a sua turma e a disciplina sob sua responsabilidade.

As vantagens do uso da *Web 2.0* na educação escolar são inúmeras, bem como as diferentes ferramentas que possuem. O uso dos recursos disponíveis nesses ambientes pode permitir significativo contato com os conteúdos propostos pelas disciplinas escolares, ampliando as interações antes restritas aos encontros em sala de aula e gerando maior qualidade ao processo ensino-aprendizagem.

Para analisar a inserção da internet e da *Web 2.0* nas escolas, faremos uma pesquisa básica de abordagem qualitativa com cunho bibliográfico. Serão utilizados para o estudo livros, teses, dissertações e artigos científicos, incluindo fontes fidedignas encontradas na internet.

Para orientar os estudos foram traçados os seguintes objetivos:

Objetivo Geral:

Analisar o potencial pedagógico dos recursos existentes na Web 2.0 e na plataforma Moodle.

Objetivos Específicos:

- Refletir sobre os conceitos de tecnologia.
- Identificar a importância do uso das tecnologias na escola.
- Reconhecer a importância do uso dos recursos da Web 2.0 na prática escolar, em especial, as redes sociais *Facebook* e *WhatsApp*.
- Identificar o potencial educativo das ferramentas da plataforma *Moodle*.
- Comparar os recursos da Web 2.0 com a plataforma *Moodle*.
- Discutir as possibilidades de construção de um processo ensino-aprendizagem comprometido com a qualidade, a partir do uso dos recursos da Web 2.0 e da plataforma *Moodle*.

I - TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) NA EDUCAÇÃO DAS ESCOLAS

A sociedade contemporânea pode ser caracterizada pela utilização cada vez mais intensa das novas tecnologias. “No momento em que o ser humano se ‘apropria’ de uma (parte da) ‘técnica’, ela já foi substituída por outra, mais avançada, e assim sucessivamente. [...] ... quanto mais se aprende mais há para estudar, para se atualizar.” (Kenski, 2014, p. 40-41).

Mas, o que seria tecnologia? Seria um fenômeno restrito apenas ao nosso tempo? Ou ela faria parte da própria natureza humana, produtora de cultura?

Quando falamos em tecnologia imaginamos os lançamentos mais recentes da indústria do “primeiro mundo”, tais como computadores e *smartphones* de última geração, e deixamos de observar a tecnologia que esteve presente desde os primórdios da história da humanidade. Podemos citar a criação das ferramentas de pedra que possibilitou ao homem caçar de forma mais rápida e eficiente, modificando o modo de viver da época. O arco e a flecha também são exemplos de tecnologia, onde foram aplicados diferentes conhecimentos na sua produção.

A era atual, não homogeneamente vivida pela humanidade, em que pesam a acumulação de conhecimento, sobre as conquistas anteriores, e a velocidade acelerada de transformações, é tão tecnológica, na essência, quanto qualquer outra anterior. O que assegura isso é o homem, como elemento constituidor da sociedade que produz a técnica. O que produz hoje dá continuidade ao que produziu ontem e produzirá depois. De outra forma, a era atual é tão representativa da trajetória humana, como qualquer outra!. (Xavier, 2015, p.118)

Na educação, a tecnologia também esteve sempre presente, “[...] mesmo que em alguns momentos pudesse parecer estar ausente ou à margem da discussão e da prática que a envolvesse. Foi assim com o quadro de giz e com os livros didáticos, ‘velhas tecnologias’.” (Guimarães in: Barreto, 2003, p. 163)

A tecnologia se confunde com a história do homem, aparecendo em diferentes momentos, e influenciando a transformação do cotidiano.

A evolução tecnológica não se restringe apenas aos novos usos de determinados equipamentos e produtos. Ela altera comportamentos. A ampliação e a banalização do uso de determinada tecnologia impõem-se à cultura existente e transformam não apenas o comportamento individual, mas de todo o grupo social. A descoberta da roda, por exemplo, transformou radicalmente as formas de deslocamento, redefiniu a produção, a comercialização e a estocagem de produtos e deu origem a inúmeras outras descobertas. (Kenski, 2014, p. 21)

Mas a tecnologia também pode se encontrar a serviço de objetivos que ao invés de libertar, aprisionam, subjagam e até mesmo destroem os seres humanos, como é o caso da bomba atômica ou as armas de fogo contemporâneas. Ou seja, a tecnologia não pode ser vista apenas pelos benefícios que podem proporcionar, mas também precisam ser analisadas criticamente, observando-se quais relações de poder estão estabelecidas em seu uso.

Não podemos esquecer que as “maravilhas” tecnológicas, inseridas nas sociedades capitalistas, encontram-se muitas vezes a serviço do consumo, aprisionando os cidadãos num contexto onde o que importa é possuir os últimos lançamentos do mercado.

O uso das tecnologias nos espaços escolares tem sido estudado por diferentes autores. Estes estudos apontam que sua utilização pode promover o aprendizado de forma eficaz, mas também pode ser usado de forma que pouco ou nada acrescenta à formação do aluno. É o caso do uso dos recursos tecnológicos que mascaram propostas pedagógicas extremamente tradicionais ou quando são usados para simplesmente ocupar o tempo, sem intenções que atendam os objetivos educacionais.

“... a incorporação dos computadores na educação não pode ser mera repetição dos tradicionais cursos ou aulas, estando as mesmas, no entanto, centradas na superada e tradicional concepção das tecnologias educacionais, associadas às práticas de instruções programadas de algumas décadas atrás, tão conhecidas dos educadores. (Pretto in: Barreto, 2003, p. 41)

Kenski acrescenta (2014, p. 57) que podemos observar também que professores “estão mais preocupados em usar as tecnologias que têm a sua disposição para ‘passar o conteúdo’, sem se preocupar com o aluno (...).”

A grande revolução no ensino não se dá apenas pelo uso mais intensivo do computador e do acesso a rede em sala de aula ou em atividades a distância. É preciso que se organizem novas experiências pedagógicas em que as TIC possam ser usadas em processos cooperativos de aprendizagem, em que se valorizem o diálogo e a participação permanentes de todos os envolvidos no processo. (Kenski, 2014, p. 88)

Além de usar os recursos tecnológicos existentes, os professores precisam garantir o acesso aos conteúdos historicamente construídos pela humanidade, pois essa é a função social das instituições escolares. Assim, concordamos com Pretto (Ibidem) quando diz que “... não podemos falar em *alfabetização digital* se não falarmos, simultaneamente em alfabetização das letras, alfabetização dos números, da consciência corporal, da cultura, da ciência.”

Paulo Freire (1984) analisa a influência das tecnologias na educação, mas situa o problema da inserção das mesmas de modo acrítico, apontando a falsa neutralidade que elas

carregam:

Para mim, a questão que se coloca é: a serviço de quem as máquinas e a tecnologia avançada estão? Quero saber a favor de quem, ou contra quem as máquinas estão postas em uso. Então, por aí, observamos o seguinte: Não é a informática que pode responder. Uma pergunta política, que envolve uma direção ideológica, tem de ser respondida politicamente. Para mim os computadores são um negócio extraordinário. O problema é saber a serviço de quem eles entram na escola. Será que vai se continuar dizendo aos educandos que Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil? Que a revolução de 64 salvou o país? Salvou de quem, contra quem, contra quem? Estas coisas é que acho que são fundamentais. (Freire, 1984)

De qualquer modo, a tecnologia acompanha cotidianamente o professor, desde o planejamento à execução da aula, gerando consequências ao processo ensino-aprendizagem. Kenski (2014, p. 44) afirma que “a maioria das tecnologias é utilizada como auxiliar no processo educativo [...]”. Mas, sua presença “pode induzir profundas mudanças na maneira de organizar o ensino”, como no caso do ensino de uma língua estrangeira que se mostra bastante diferente quando apoiado pelo uso de vídeos e laboratórios interativos em comparação ao ensino baseado apenas na exposição oral da professora e uso do livro didático.

Kenski também lembra que a gestão das escolas precisa ser coerente com o momento educacional que estamos vivenciando:

É impossível, por exemplo, implantar um modelo informatizado de ensino via redes em uma instituição em que o processo decisório sobre interações, intercâmbios, estabelecimento de pesquisas interinstitucionais e produção de softwares e sites seja centralizado, sem espaço nem autonomia para que essas ações possam ser rapidamente definidas, discutidas e implementadas. (Kenski, 2014, p. 126)

Sendo assim, torna-se imprescindível a implantação da gestão democrática nas escolas, como determina a legislação vigente, no caso das escolas públicas. Nesse modelo de gestão, professores, alunos, funcionários e a comunidade participam efetivamente do cotidiano, construindo coletivamente a qualidade dos serviços que a instituição oferece. Todo o processo é permeado pelo princípio da transparência e do respeito às ideias e sugestões que surgem do contato entre todos os participantes.

A construção de uma sociedade democrática se faz com cidadania, uma palavra tão gasta que para usá-la temos que defini-la. Cidadania, na era da cibercultura de massa, exige a articulação de diferentes lógicas: o cidadão de hoje é consumidor e usuário de objetos e serviços, inclusive virtuais; é também sujeito e objeto do processo de comunicação, e é nestes espaços ou fóruns que ele pode exercer – ou não – seus direitos. (Belloni in: Barreto, 2003, p. 63)

II - WEB 2.0 NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

A cultura digital faz parte da realidade brasileira e vem sendo incorporada ao cotidiano escolar cada vez mais. De acordo com a Pesquisa Nacional TIC Kids 2014: “No que se refere a outras atividades realizadas por crianças e adolescentes na Internet, destacam-se: usar Internet para realização de artigos escolares (68%), para pesquisas (67%) e para ouvir música (50%).”(Barbosa, 2015, p.26)

Mas ainda podemos encontrar resistência ao uso dos computadores em nosso país. Segundo reportagem veiculada pelo Jornal Nacional, entrevistas realizadas com professores durante a realização da Prova Brasil apontam que: “[...] uma parcela considerável dos professores rejeita o uso do computador. E isso, exatamente nas regiões onde a tecnologia está mais disponível nas escolas. No Sul, mais de 11%, e no Sudeste quase 15% dos professores disseram considerar o computador desnecessário.(Jornal Nacional, 09/09/2014).

Talvez essa resistência, aliada a equipamentos obsoletos ou sem uso nas escolas, explique o resultado da Pesquisa TIC Kids 2014:

Observa-se crescimento de acesso em praticamente todos os tipos de localidades investigados pela pesquisa, exceto em duas: nas escolas e nas lanhouses. O acesso nas escolas permaneceu praticamente estável entre 2013 e 2014, sendo que o indicador não apresenta diferenças significativas entre as classes sociais. Tal resultado indica que existem desafios importantes para a adoção da Internet em processos de ensino-aprendizagem nas escolas brasileiras – o que também é constatado ao longo dos últimos cinco anos pela pesquisa TIC Educação (CGI.br, 2015). (Barbosa, 2015, p.147)

Por outro lado, na dinâmica contraditória da escola brasileira, os alunos levam para o seu interior as tecnologias disponíveis em nossa sociedade, sinalizando a necessidade de transformar as práticas tradicionais ainda presentes.

Nos textos selecionados para este artigo, uma das possibilidades apontadas que podem modificar o processo de ensino-aprendizagem encontra-se ancorada no uso dos recursos da *Web 2.0*. Voigt (2007, p.6) afirma que “[...] com a web 2.0 temos mais ferramentas que potencializam colaboração e construção conjunta de conhecimento. [...]”

No cenário cibercultural da web 2.0, o professor tem a seu favor a cultura da interatividade já instalada. Tem a seu favor o ‘novo espectador’ menos passivo diante da mensagem fechada à sua intervenção e que procura fugir do modelo de recepção clássica. As gerações chamadas de ‘Y’ e ‘Z’ são nativamente familiarizadas com a mobilidade ubíqua pós-desktop e expressivamente desenvoltas em compartilhamento, autoria, conectividade e colaboração através de dispositivos móveis e portáteis como celulares, smartphones, netbooks e

tablets conectados ao ciberespaço via redes sem fio Wi-Fi e acesso 3G e 4G da telefonia móvel. (Silva, 2014)

De acordo com Vygotsky (apud Oliveira, 2001, p.58), o homem se constitui como ser humano a partir das interações estabelecidas com os outros. Assim ocorre com a construção de conhecimentos. Através dos relacionamentos entre as pessoas, na interação de uns com os outros em diferentes ambientes, num processo dialógico o processo de aprendizagem se desenvolve. (Freire, 1987)

Com o advento das novas tecnologias, o relacionamento entre as pessoas vem se modificando e outras possibilidades surgindo, inclusive na educação.

As novas tecnologias de informação e comunicação, caracterizadas como midiáticas, são, portanto, mais do que simples suportes. Elas interferem em nosso modo de pensar, sentir, agir, de nos relacionarmos socialmente e adquirirmos conhecimentos. Criam uma nova cultura e um novo modelo de sociedade. (Kenski, 2003, p. 23-24)

Estas tecnologias acrescentam novas palavras ao nosso vocabulário: *spams*, *hackers*, *zapear*, *selfie*, *hashtag*, *chat*, *links*, *deletar*, e tantas outras afetam a comunicação entre as pessoas, exigindo delas um certo conhecimento desse universo. Nosso modo de ler e escrever também se modifica. A leitura linear desaparece a partir da criação dos hipertextos, que enriquecem nossos conhecimentos e estimulam o leitor a buscar novas informações de modo rápido e eficiente, contextualizado.

De acordo com Silva (2014, p. 19), os jovens vem alterando sua forma de percepção: “Transita da ‘percepção tradicional’ estática, linear, à percepção baseada na ‘colagem de fragmentos’ (...). Essa juventude encontra nas tecnologias hipertextuais um ambiente complexo que traz a nova dimensão da sua ‘mutação perceptiva’ em curso.”

Neste sentido, Almeida e Assis, defendem o uso da *Web 2.0* que não foi criada para uso educacional, mas devido às suas características, cada vez mais professores tem se apropriado das suas ferramentas com fins pedagógicos.

[...] Trata-se assim de uma plataforma na qual o usuário controla seus próprios dados, pois suas funcionalidades, arquitetura de participação e fontes de dados podem ser remixadas e transformadas. [...] Comparada com a *Web 1.0* na qual o usuário é consumidor da informação, na *Web 2.0* ele pode ser produtor. [...] a *Web 2.0* caracteriza a sociedade da autoria, (co)autoria, (co)produção e compartilhamento com outras pessoas que participam da cibercultura. (Almeida e Assis, 2011, p.4; p. 6)

Neste contexto, a função docente necessita ser modificada, ultrapassando a mera transmissão de conhecimentos em direção à mediação do processo ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva, o professor é também um aprendiz permanente que compartilha saberes junto com seus alunos.

(...) o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem. [...] Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo [...] (Freire, 1987, p. 39).

Concordamos com Litto (apud Ferreira, Corrêa, Torres, 2012, p.4) quando diz: “acredito ser possível afirmar que estamos no auge de uma revolução que mudará o nosso tradicional e convencional sistema de educação, conferindo maior poder ao aprendiz, o que exigirá mais inteligência e criatividade do professor”.

Ferreira, Corrêa e Torres (2012, p. 8) complementam a análise de Litto, ao afirmar que o professor: “... precisa ir além do recurso, otimizar a rede para estabelecer uma aprendizagem colaborativa, uma forma de ensinar e aprender com objetivos claros, metodologias e avaliações definidas e coerentemente alinhadas à proposta estabelecida entre professor e aluno.”

Gómez observa a importância de práticas distantes das tradicionais que a era digital exige e analisa a atitude de comprometimento que o professor deve assumir diante dos seus alunos:

Nós, docentes, devemos nos dar conta de que não é aconselhável apenas fornecer informação aos alunos, temos que ensiná-los como utilizar de forma eficaz essa informação que rodeia e enche suas vidas, como acessá-la e avaliá-la criticamente, analisá-la, organizá-la, recriá-la e compartilhá-la. As escolas devem se transformar em poderosos cenários de aprendizagem, onde os alunos investigam, compartilham, aplicam e refletem. (Gómez, 2015, p. 29)

Para Silva, tanto na escola “inforrica” ou na escola “infopobre” é possível promover uma sala de aula interativa. Para isso, o professor precisa desenvolver algumas habilidades básicas:

1. Pressupor a participação-intervenção dos alunos, sabendo que participar é muito mais que responder “sim” ou “não”, é muito mais que escolher uma opção dada; participar é atuar na construção do conhecimento e da comunicação;
2. Garantir a bidirecionalidade da emissão e recepção, sabendo que a comunicação e a aprendizagem são produção conjunta do professor e dos alunos;
3. Disponibilizar múltiplas redes articulatórias, sabendo que não se propõe uma mensagem fechada, ao contrário, se oferece informações em redes de conexões permitindo ao receptor ampla liberdade de associações, de significações;
4. Engendrar a cooperação, sabendo que a comunicação e o conhecimento se constroem entre alunos e professor como co-criação e não no artigo solitário;

5. Suscitar a expressão e a confrontação das subjetividades, sabendo que afala livre e plural supõe lidar com as diferenças na construção da tolerância e da democracia. (Silva, 2001, p. 11)

O professor poderá utilizar recursos já existentes da *Web 2.0* ou criar junto aos seus alunos, *wikis*, vídeos, *blogs* e *podcasts*. Utilizar os Objetos de Aprendizagem (*Learning Objects*), tais como imagens, softwares e animações facilmente encontrados na web.

A Web tem-se tornado cada vez mais a fonte de conteúdo para ensinar e para aprender. Além disso, escrever já não fica limitado ao texto, integrar vários formatos tem-se tornado cada vez mais fácil. No seu blog pode integrar uma hiperligação para um sítio na Web, disponibilizar uma imagem, inserir um vídeo do YouTube. (Carvalho, A.A.A., 2008, p. 12)

Nas redes sociais, o professor pode organizar debates e fóruns para o compartilhamento de informações e conhecimentos, tornando o ensino mais dinâmico e atraente. “O uso intensivo das mais novas tecnologias digitais e das redes transforma as dimensões da educação e dá à escola ‘o tamanho do mundo’.” (Kenski, 2014, p. 124).

No *Facebook*, rede social que reúne cada vez mais usuários brasileiros, criada em 2004 pelo americano Mark Zuckerberg, o professor tem a sua disposição ferramentas variadas, tais como: a criação de grupos para discutir temáticas específicas, envio de mensagens, arquivos, fotos e vídeos. Além disso, pode criar enquetes, calendário para eventos, comentar e/ou “curtir” as postagens, por exemplo.

Alegretti et al. (2012, p.54) apontam outros aspectos presentes no *Facebook* e que são relevantes pedagogicamente, tais como a facilidade de conversação e relações entre professores e alunos menos hierarquizadas. Alves e Araújo também observam a potencialidade desse aplicativo que vem:

(...) possibilitando aos alunos a realização de artigos em grupo, permitindo o compartilhar interativo sobre as aulas ministradas, favorecendo o aumento da curiosidade e da motivação sobre os temas abordados e disponibilizando links para textos, vídeos e outras direções de interesse coletivo. Ou seja, é um ambiente que favorece a interatividade, a construção colaborativa do conhecimento, o compartilhamento de informações e a cocriação. (Alves; Araújo, 2013, p.6)

Alves e Araújo (2013, p.6) não negam o potencial educativo do *Facebook*, mas também sinalizam para alguns problemas, por exemplo: a “[...] presença de elementos que levam à distração, como anúncios e avisos [...]”. Gomes complementa essa análise, observando o poder que a mídia apresenta:

A mídia é um instrumento poderoso do espetáculo, que seduz a vida do homem moderno, consome seu tempo com fragmentos de uma falsa realidade. A ele, não sobra tempo para absorver e refletir todo o conteúdo gerado e transmitido. E, desta relação mediada por imagens, percebe-se um ciclo, de formação de sujeitos consumistas, passivos, conformados com a realidade que lhes é apresentada. (Gomes, 2014, p. 16)

Tal fato vai exigir do aluno mais disciplina para se concentrar e se envolver nas atividades propostas de forma adequada. Por outro lado, vai exigir do professor maior criatividade e poder de persuasão para manter o interesse dos seus alunos nas temáticas desenvolvidas. Além disso, o professor precisa provocar reflexões sobre o que é lido, ouvido e visto nas mídias, nas redes sociais, de modo que a quantidade de informações que chega aos alunos não sejam reproduzidas e compartilhadas de forma alienada.

Neste cenário, deve-se compreender que nesta relação dos adolescentes com a mídia é necessário considerar que a apropriação reflexiva deve superar as barreiras da espetacularização do eu, ou seja, é necessário identificar as imagens não apenas “como algo em si e por si, mas que se estabeleçam cada vez mais relações entre elas possibilitando, por conseguinte, o nascimento e amadurecimento de raciocínios críticos e problematizadores”. (Gomes, 2014, p. 36).

Ou seja, o papel do professor precisa ser reconfigurado diante das possibilidades que a sociedade tecnológica nos apresenta:

Na perspectiva da interatividade, ele deixa de ser o contador de histórias que imobiliza o conhecimento e o transfere aos alunos. Mas não para tornar-se apenas um ‘conselheiro, uma ponte entre a informação e o conhecimento’. Tampouco para ser apenas um ‘parceiro’, um pedagogo no sentido clássico do termo, (...). E muito menos como ‘facilitador’. (...) Prefiro a formulação de Martín-Barbero: ‘sistematizador de experiências’, que tem a ver com ensinar (oferecer ocasião) e urdir (dispor os fios da teia, tecer junto). (Silva, 2014, p. 90-91)

Para instituições que desejam se beneficiar dos variados recursos existentes na *web*, mas preferem uma forma centralizada, organizada pedagogicamente e administrada dentro dos princípios e valores estabelecidos, é possível utilizar o *Google Apps for Education*. É um serviço gratuito que necessita de um domínio na internet, geralmente pago.

O *Google Apps for Education* agrega e-mail, agenda, sites, YouTube para escolas, mapas, livros, planilhas, apresentações, Google Drive. Entre outras ferramentas disponíveis, também é possível que o professor se conecte aos seus alunos através de vídeos, mensagem de voz ou texto. O acesso pode ser feito a partir de computadores, *tablets* e *smartphones*.

Outra rede social bastante popular é o *WhatsApp*. O aplicativo não apresenta tantos recursos como o *Facebook*, no entanto, é bem mais rápido que o *Messenger* e comporta muito mais caracteres que o *Twitter*. Pode ser utilizado pedagogicamente, pois através dele podemos compartilhar ideias, conteúdos, informações e avisos, tanto de forma escrita quanto através de arquivos de voz. Em grupo ou individualmente, dúvidas poderão ser retiradas, fotos dos apontamentos feitos pelos professores no quadro, em sala de aula, poderão ser encaminhadas aos colegas que não puderam comparecer a aula. Também podem ser enviados vídeos, fotos, links e *emojicons* para indicar sentimentos ou pensamentos sobre o que está sendo conversado.

III - A PLATAFORMA MOODLE E SUAS FERRAMENTAS

O Moodle é um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) que possibilita a utilização de diferentes ferramentas que enriquecem o processo ensino-aprendizagem. Oliveira, Munhoz e Carneiro analisam o potencial dos AVA:

Os ambientes virtuais de aprendizagem podem propiciar recursos para alunos e professores pensarem, refletirem, analisarem as informações recolhidas nas revisões bibliográficas, nas listas de discussão, nos bancos de dados. Permitem ainda que seus usuários relacionem esse novo conhecimento ao seu conhecimento anterior, às outras informações disponíveis e construam novos conhecimentos; produzam novos documentos, disponibilizando-os no ciberespaço e/ou nos espaços tradicionais para que venham alimentar uma inteligência coletiva que, por sua vez, propiciará novos acessos, novos pensares, novas construções, novas produções e comunicações em um verdadeiro círculo construtivo e emancipador, uma inteligência coletiva dentro de sua própria cultura que manterá conexões com outras culturas, sem, no entanto, perder a sua característica territorial. (Oliveira; Munhoz; Carneiro, 2011, p.3)

O *Moodle* foi assim conceituado em sua página: “[...] uma plataforma de aprendizagem projetada para fornecer a educadores, administradores e alunos um único sistema robusto, seguro e integrado para criar ambientes de aprendizagem personalizados.” (Foster, 2014). Por se tratar de um software gratuito, tanto instituições como professores de modo independente podem utilizá-lo, seja para a EaD ou como suporte à disciplinas presenciais.

Podemos encontrar nessa plataforma diferentes possibilidades para dinamizar o processo ensino-aprendizagem, tais como os fóruns, *wikis*, salas de *chat*, espaço para textos, tarefas, vídeos, mensagens, glossários, testes. Devido a riqueza dos recursos que apresenta é possível que os índices de reprovação possam ser sensivelmente diminuídos.

Em relação a avaliação dos alunos, a plataforma apresenta uma multiplicidade de formas que Sabbatini sistematiza:

Avaliação por acessos: o Moodle fornece uma ferramenta denominada log de atividades, que permite colocar em gráfico os acessos dos participantes ao site, que ferramentas utilizou, que módulos ou materiais ou atividades acessou, em que dia, em que hora, a partir de que computador, e por quanto tempo.

Avaliação por participação: todas as intervenções dos alunos no ambiente (envio de perguntas e de respostas, atividades colaborativas, entradas no diário, etc.,

também são separadas sob o perfil do aluno, permitindo sua rápida avaliação. Existem ferramentas específicas que permitem ao professor passar ensaios, exercícios e tarefas, com datas e horários limites para entrega.

Avaliação somativa e formativa: o Moodle permite a criação de enquetes, questionários de múltipla escolha, dissertativos, etc., com grande variedade de formatos. Essas avaliações podem ser submetidas aos alunos em datas específicas, podem ter tempo máximo para resposta, podem ter suas questões e alternativas misturadas para evitar “cola”. O sistema também permite o utilíssimo banco de questões de uma determinada disciplina. (Sabbatini, 2007)

De acordo com Costa e Mendonça, o *Moodle* possui inúmeras características que podem ser reunidas da seguinte forma:

Acesso protegido e gerenciamento de perfis dos usuários: esse recurso propicia a criação de um ambiente particular para uma determinada disciplina para a utilização por parte dos professores e alunos.

Gerenciamento do acesso aos conteúdos: possibilita que o professor disponibilize arquivos e matérias online para os alunos e determine quando e como os alunos terão acesso a esses materiais.

Ferramentas de comunicação simultâneas e não simultâneas: permitem e facilitam a comunicação extraclasse entre professor-aluno e aluno-aluno.

Sistema de controle de atividades: torna possível o registro e a administração de todas as atividades realizadas pelos alunos. (Costa e Mendonça, 2014)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recursos inovadores como aqueles que são encontrados na *Web 2.0* precisam ser incorporados às salas de aula. Mas para que tais recursos possam de fato se constituir em um diferencial no cotidiano escolar torna-se indispensável que os professores entendam que a sua função se transformou, pois a escola já não é mais a única fonte de conhecimento existente, como fora anteriormente. Muitas vezes, o aluno chega à escola com os conhecimentos que o professor preparou para aquele dia, não sendo novidade para ele.

Para que o professor exerça sua atividade adequadamente, de modo a proporcionar interações de qualidade, torna-se imprescindível que haja um forte compromisso com o seu próprio processo de aprendizagem, de forma contínua, e de acordo com as demandas do mundo contemporâneo. Sem este compromisso, a democratização da escola ficará comprometida, pois democratizar os saberes se faz tanto pela garantia da quantidade de beneficiários quanto da qualidade dos serviços oferecidos.

No entanto, não podemos esquecer que as políticas governamentais tem também um importante papel a cumprir, seja propiciando boa infraestrutura escolar ou promovendo a valorização e a qualificação do magistério, quando pensamos na rede pública de ensino.

Os recursos da *Web 2.0* e da plataforma *Moodle*, temáticas escolhidas para análise neste artigo, sem dúvida, podem oferecer diferentes possibilidades para a construção de práticas colaborativas de ensino-aprendizagem. Se antes os assuntos da aula ficavam restritos aos momentos de sala de aula, hoje podem ser estendidos para outros espaços e tempos, garantindo eficiência ao processo de aquisição de conhecimentos.

Organizar com os alunos um *blog*, criar grupos no *Facebook* ou no *WhatsApp*, relacionados à disciplina do professor, podem se transformar em estratégias motivadoras para apresentar e discutir os conteúdos escolares. Assim também podem ser os fóruns, os chats e *wikis* criados na plataforma *Moodle*, que se bem gerenciados podem produzir alternativas qualitativas de ensino-aprendizagem.

Entretanto, a tarefa do professor vai muito além da criação ou viabilização dos recursos. A mediação de todo o processo precisa ser planejada e acompanhada cotidianamente, transformando os problemas em aprendizado para todos. O mito da tecnologia que substitui a ação humana não se adequa às atividades educacionais. A ação consciente do professor se torna imprescindível, pois o uso da *Web 2.0* e da plataforma *Moodle* sem objetivos previamente definidos e estratégias planejadas de forma consistente não vão permitir que a turma usufrua plenamente de todo potencial pedagógico existente nesses ambientes virtuais.

Além disso, os professores precisam conhecer as limitações que os recursos apresentam, como as que foram apresentadas neste artigo. No entanto, essas limitações não devem se tornar empecilhos que descartam a sua utilização, já que os mesmos são frequentemente aperfeiçoados e a ação docente bem planejada pode minimizar os problemas detectados. Uma das possibilidades pode ser o uso combinado dos recursos da *Web 2.0* com as ferramentas da plataforma *Moodle*.

Para garantir um processo ensino-aprendizagem de qualidade a prática do professor precisa ser consciente, o que nesse caso sugere que o profissional deve conhecer os limites dos recursos que utiliza em seu cotidiano para que possa desenvolver diferentes estratégias que atenuem as limitações identificadas.

A continuidade dos estudos revela o seu valor quando pensamos que as nossas escolas precisam urgentemente acompanhar o tempo tecnológico no qual estamos inseridos, aproximando-se das novas gerações que vem chegando (os “nativos digitais”) e incluindo todos aqueles que ainda se mantêm distantes de todas as novidades tecnológicas, assim como os que desejam se aproximar (os “imigrantes digitais”).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEGRETTI, S.M.M. et al. Aprendizagem nas redes sociais virtuais: o potencial da conectividade em dois cenários. Revista Cet– Revista Contemporaneidade, Educação e Tecnologia, v. 1, n. 2, abr. 2012. Disponível em: <https://revistacontemporaneidadeeducacaoetecnologia02.files.wordpress.com/2012/04/pucsp_2012.pdf>. Acesso em: 21 out. 2015.
- ALMEIDA, M.E.B. ; ASSIS, M.P. Integração da Web 2.0 ao Currículo: a Geração Web Currículo. La educ@cion Revista Digital, v. 145, p.1 - 24, 2011. Disponível em:<[http://www.educocia.org/portal/La Educacion Digital/145/articles/ART_bianconcini_ES.pdf](http://www.educocia.org/portal/La_Educacion_Digital/145/articles/ART_bianconcini_ES.pdf)>. Acesso em: 03 out. 2015.
- ALVES T. P.; ARAÚJO, R. O Moodle e o Facebook como espaços pedagógicos: percepções discentes acerca da utilização destes ambientes. EM TEIA - Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana, v. 4, n. 2, 2013. Disponível em: <http://www.gente.eti.br/revistas/index.php/emteia/article/view/143/pdf_26>. Acesso em: 03 out. 2015.
- BARBOSA, A.F (coord). Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil 2014. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2015. Disponível em: <[http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC Kids 2014 livro eletronico.pdf](http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Kids_2014_livro_eletronico.pdf)>. Acesso em 27 de março de 2016.
- CARVALHO, A.A.A. (org.). Manual de Ferramentas da Web 2.0 para professores. Disponível em: <http://www.oei.es/tic/manual_web20-professores.pdf>. Acesso em: 15abr. 2016.
- COSTA, P.S.; MENDONÇA, L.S. O uso da plataforma Moodle como apoio ao ensino presencial. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/diversapratica/article/view/26430/pdf_5>. Acesso em: 17abr. 2016.
- FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. A máquina está a serviço de quem? Revista Bits, mai. 1984. Disponível em: <<http://documents.tips/education/a-maquina-esta-a-servico-de-quem.html>>. Acesso em 11abr. 2016.
- FERREIRA, J.L.; CORRÊA, B.R.P.G.; TORRES, P.L. O uso pedagógico da rede social Facebook. Revista Colabor@, v. 7, n. 28, out. 2012. Disponível em: <<http://pead.ucpel.tche.br/revistas/index.php/colabora/article/view/199>>. Acesso em: 17 out. 2015.
- GOMES, J. G. Mídias Sociais, Adolescentes e Cidadania: espaço de representações e de educação para a mídia. 2014. 128 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/127601>>. Acesso em 11 abr. 2015.
- GÓMEZ, A.I.P. Educação na Era Digital: a escola educativa. Porto Alegre: Penso, 2015.
- GUIMARÃES, G.C. Tv na escola. In: BARRETO, R.G. (org.). Tecnologias Educacionais e Educação a Distância: avaliando políticas e práticas. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.
- JORNAL NACIONAL. Parte dos professores acha o computador desnecessário no ensino. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/09/parte-dos-professores-acha-computador-desnecessario-no-ensino.html>>. Acesso em: 18 out. 2015.
- KENSKI, V.M. Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação. São Paulo: Papirus, 2014.
- _____. Tecnologias e ensino presencial e a distância. São Paulo: Papirus, 2003.
- _____. Em direção a uma ação docente mediada pelas tecnologias digitais.In: BARRETO, R.G. (org.). Tecnologias Educacionais e Educação a Distância: avaliando políticas e práticas. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.
- OLIVEIRA, A.M; MUNHOZ, A.M; CARNEIRO,M.L.F. Análise do ambiente virtual MOODLE como tecnologia de

apoio aos estudantes de biblioteconomia. Disponível em:
<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fportaldeperiodicos.eci.ufmg.br%2Findex.php%2Fmoci%2Farticle%2Fdownload%2F1221%2F822&ei=6fYzVKT6MffCsAS2zYLQAw&usq=AFQjCNFBxjRqupisP715AI_hYvBSnvxKmg>. Acesso em: 08 jul.2015.

SILVA, M. Sala de aula interativa: educação, comunicação, mídia clássica... São Paulo: Loyola, 2014.

_____. Sala de Aula Interativa: a educação presencial e à distância em sintonia com a era digital e com a cidadania. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. Anais... Mato Grosso: INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2001. p. 1-20. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP8SILVA3.PDF>> Acesso em: 11 abr. 2016.

VOIGT, E. Web 2.0, E-Learning 2.0, EaD 2.0: para onde caminha a Educação a Distância? In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO A DISTÂNCIA, ABED, Curitiba, 2007. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/55200750254PM.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2015.

XAVIER, L.S. A Tecnologia Colecionada. Disponível em: <<http://cefet.cead.uff.br/moodle/mod/resource/view.php?id=3521>>. Acesso em 10 de outubro de 2015.

SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

ANA CRISTINA DE ARAUJO NOGUEROL

Graduada em Pedagogia - Magistério das Matérias Pedagógicas (1989) e Orientação Educacional (1993) pela Universidade Federal Fluminense. Possui mestrado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (1994). Atualmente é docente II D 9 no Colégio Estadual Júlia Kubitschek e docente I no Instituto de Educação Carmela Dutra - modalidade Normal, professora das Faculdades São José (curso de Pedagogia) e professora do COSAM (curso técnico em Secretaria Escolar - modalidade semi presencial). Tem experiência na Educação Básica com Educação Infantil, Alfabetização, Educação de Jovens e Adultos e no ProInfantil (programa do MEC em parceria com o estado e município do Rio de Janeiro). Possui uma trajetória no ensino superior que inclui a coordenação e a docência no curso de Pedagogia presencial e a distância.

MANOEL RUI GOMES MARAVALHAS

Mestre em Tecnologia, Linha da Gestão em Engenharia. Livro referente a Geração e a Gestão do Conhecimento, participante de Grupo de Pesquisa na linha da Gestão e Inovação do Conhecimento, Engenheiro Elétrico, Coordenador de Atividade de Extensão - COEXT no CEFET-RJ, Membro Efetivo do Conselho Diretor do Campus Maria da Graça do CEFET-RJ, Suplente do Conselho de Extensão-CONEX-Sistêmico do CEFET-RJ; Suplente do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão - CEPE - Sistêmico do CEFET-RJ; Membro da Comissão de Formação Continuada do Campus Maria da Graça do CEFET-RJ; Tutor e Orientador em EaD pela UEMA_UAB, tutoriando cursistas no curso de Formação de tutores, Tutor e Orientador em EaD pelo CEFET-RJ em curso de Especialização em Educação Tecnológica, Professor de Ensino Superior pela FABES - Liceu de Artes Ofícios, também pela Faculdades Reunidas Nuno Lisboa, Professor de Ensino Básico Técnico e Tecnológico EBTT, pelo CEFET-RJ (DE) e pela FAETEC, Analista Técnico de Educação Profissional pelo SENAI-RJ, prestando consultoria técnica com foco em Tecnologia da Informação para as 26 escolas do SENAI-RJ, elaborando perfis com base em competências, definindo itinerários formativos, agrupando conteúdos programáticos em unidades curriculares, elaborando provas, vistoriando ambientes de Aprendizagem. Tem experiência na área de Engenharia Elétrica e gestão de processos.